

Baldomero Lillo: “Os inválidos”

Andrezza Aparecida Gomes de Andrade

Considerado pai do realismo social e um dos melhores contistas chilenos, Baldomero Lillo é quase instantaneamente associado aos túneis escuros e miseráveis das minas de carvão de Lota. Lillo foi um dos primeiros autores que denunciou em seus relatos a triste realidade em que vivia o mineiro do carvão no início do século XX. É importante ressaltar que o fez porque sentia a necessidade de narrar uma situação que se tornava cada vez mais insustentável.

Nascido em Lota em 6 de janeiro de 1867, aprendeu com a mãe Mercedes Figueroa as primeiras letras para ingressar na escola mista de Bacalebu em 1876 e continuar seus estudos no Liceo de Lebu, onde cursou humanidades até o segundo ano. Empregou-se em um armazém de Lota já que a renda de seu pai só podia pagar para que seu irmão Samuel fosse à Universidade. Foi trabalhando em um armazém que ficava nas dependências de uma mina de carvão que ele conheceu de perto a vida do mineiro e suas angústias, principalmente quando este era obrigado a comprar seus mantimentos no armazém de propriedade da mina, incorrendo em despesas que depois seriam descontadas de seu salário.

Casou-se com Natividad Miller em 1897 com quem teve quatro filhos: Eduardo, Laura, Marta e Oscar. Em 1898 buscando melhores proventos, viajou para a capital Santiago onde desempenhou várias atividades até ir trabalhar na Universidade do Chile como funcionário administrativo, emprego que manteve até 1917.

Ficou conhecido como um narrador fácil e espontâneo, e foi com esse estilo que ganhou o primeiro prêmio num concurso da Revista Católica em 1903, com o conto *Juan Fariña (Leyenda)*, que narra a lenda do velho mineiro cego que intrigava os companheiros de trabalho por preferir o labor de um operário à vida de mendigo. Lillo cria uma detalhada atmosfera de mistério em torno da origem

e objetivos de Fariña, mergulhando-nos no fantástico para nos trazer a realidade claustrofóbica das minas. No ano seguinte à premiação (1904) ele publica *Sub Terra*, livro sobre a vida dos mineiros do carvão, que continha oito relatos, vários já publicados em revistas e diários.

Lillo está nos ambientes, e o ambiente está em *Sub Terra* não como mera ferramenta de composição dos personagens, mas como personagem, e é este personagem que mantém o fio que conecta a história à vida e à existência do mineiro.

Em *Sub Terra* a miséria, a dor e a morte são símbolos que traçam a trajetória da existência, do destino implacável que é aceito com passividade e resignação, para terminar na inutilidade do velho ou na violência do grisú (gás existente nas minas de carvão). A velhice e a inutilidade são temas recorrentes dentro do mundo de *Sub Terra*, mas é em “Os Inválidos” que adquirem significação.

Devido a sua frágil saúde, pois sofria dos pulmões desde menino, Lillo foi viver em San Bernardo. Com a intenção de melhorar de vida instalou um galinheiro, mas o negócio fracassou. Lillo tinha paixão pelas aves, e essa paixão lhe rendeu bons contos em *Sub Sole*, todos de caráter humorístico.

Sua esposa morreu em 1912, deixando os quatro filhos ainda pequenos aos cuidados do escritor. Em 1917, devido aos problemas de saúde, a Universidade lhe concedeu a aposentadoria. Lillo morreu em San Bernardo em 1923.

Teve apenas duas obras publicadas em vida, *Sub Terra* e *Sub Sole*. Foram publicadas duas obras póstumas, *El Hallazgo* e *Relatos Populares*.

Foi um narrador nato, um autodidata, isso se percebe em sua prosa desprovida de efeitos retóricos, mas de grande simplicidade expressiva e naturalidade, e é desse modo que ele nos traz o cavalo Diamante como símbolo da vida mineira; ele é a queixa sem voz dos que trabalham para as companhias do carvão no Chile. A voz dos que estão lá embaixo, do fantástico, é a tomada de consciência que converterá “Os Inválidos” numa alegoria da vida mineira.

Comentários

Os heterossemânticos, conhecidos também como falsos amigos ou falsos cognatos, são palavras muito semelhantes na grafia e na pronúncia da língua portuguesa e espanhola, mas possuem significados diferentes em cada língua. Nosso texto está repleto deles, como por exemplo: ¡”Son tan pocos, es su hueste tan mezquina ante el ejército innumerable de nuestros hermanos que pueblan los talleres, las campiñas y las entrañas de la tierra”!

Na língua portuguesa *talber* com “h” quer dizer *cubierto* em espanhol, e *taller*, com dois “l” em espanhol, significa “oficina” em língua portuguesa: “São tão poucos, seus seguidores tão mesquinhos diante do exército inumerável de nossos irmãos que ocupam as oficinas, as campinas, e as entranhas da terra”!

Uma adversidade que surgiu durante a tradução foram os vocábulos específicos da realidade e rotina das minas de carvão; assim foi necessário um estudo para a apropriação do vocabulário utilizado, o tradutor não familiarizado busca conhecer o universo carvoeiro para que possa descobrir o que são e para que servem certas ferramentas como ‘polia’ e ‘sarilho’, entre outros.

Em outro trecho da tradução nos deparamos com a palavra “cabria”, que significa elemento de elevação que compreende uma polia suspensa no ponto de junção de três, que são inclinados formando um tripé, e através do qual o cabo de tracção passa. Normalmente a carga é içada numa alcofa, que é uma espécie de recipiente ou balde, pendurado num gancho na ponta da corda. Aqui optamos por utilizar a palavra “sarilho”, pois “guindaste” não caberia no contexto da época ao remeter a algo estritamente mecânico.

Os contos de *Sub Terra* trazem a mensagem do destino do homem que entregou sua vida e suas energias nas galerias do carvão. Percebemos aí certa rebeldia, mas no mundo da obra essa rebeldia se paga com o esquecimento e a inutilidade. Como Diamante, o destino do mineiro será sempre trabalhar, padecer e morrer; como termina Diamante, terminará todo mineiro, como um velho inválido.

Baldomero Lillo pertenceu à geração de 1900, e escreveu em seus 56 anos de vida um total de 45 contos, todos de intenso conteúdo humano. Possui como contista as condições que o fizeram perdurar no tempo: sobriedade, realismo e sinceridade.

Los inválidos

La extracción de un caballo en la mina, acontecimiento no muy frecuente, había agrupado alrededor del pique a los obreros que volcaban las carretillas en la cancha y a los encargados de retornarlas vacías y colocarlas en las jaulas.

Todos eran viejos, inútiles para los trabajos del interior de la mina, y aquel caballo que después de diez años de arrastrar allá abajo los trenes de mineral era devuelto a la claridad del sol, inspirábalos la honda simpatía que se experimenta por un viejo y leal amigo con el que se han compartido las fatigas de una penosa jornada.

A muchos les traía aquella bestia el recuerdo de mejores días, cuando en la estrecha cantera con brazo entonces vigoroso hundían de un solo golpe en el escondido filón el diente acerado de la piqueta del barretero. Todos conocían a Diamante, el generoso bruto, que dócil e infatigable trotaba con su tren de vagonetas, desde la mañana hasta la noche, en las sinuosas galerías de arrastre. Y cuando la fatiga abrumadora de aquella faena sobrehumana paralizaba el impulso de sus brazos, la vista del caballo que pasaba blanco de espuma les infundía nuevos alientos para proseguir esa tarea de hormigas perforadoras con el tesón inquebrantable de la ola que desmenuza grano por grano la roca inconvencible que desafía sus furros.

Todos esperaban silenciosos la aparición del caballo, inutilizado por incurable cojera para cualquier trabajo dentro o fuera de la mina y cuya última etapa sería el estéril llano donde sólo se percibían a trechos escuetos matorrales cubiertos de polvo, sin que una brizna de hierba, ni un árbol interrumpiera el gris uniforme y monótono del paisaje.

Nada más tético que esa desolada llanura, reseca y polvorienta, sembrada de pequeños montículos de arena tan gruesa y pesada que los vientos arrastraban difícilmente a través del suelo desnudo, ávido de humedad.

En una pequeña elevación del terreno alzabase la cabria, las chimeneas y los ahumados galpones de la mina. El caserío de los mineros estaba situado a la derecha en una pequeña hondonada. Sobre él una densa masa de humo negro flotaba pesadamente en el aire enrarecido, haciendo más sombrío el aspecto de aquel paraje inhospitalario.

Un calor sofocante salía de la tierra calcinada, y el polvo de carbón sutil e impalpable adhería a los rostros sudorosos de los obreros que apoyados en sus carretillas saboreaban en silencio el breve descanso que aquella maniobra les deparaba.

Tras los golpes reglamentarios, las grandes poleas en lo alto de la cabría empezaron a girar con lentitud, deslizándose por sus ranuras los delgados hilos de metal que iba enrollando en el gran tambor, carrete gigantesco, la potente máquina. Pasaron algunos instantes y de pronto una masa oscura chorreando agua surgió rápida del negro pozo y se detuvo a algunos metros por encima del brocal. Suspendido en una red de gruesas cuerdas sujeta debajo de la jaula balanceábase sobre el abismo con las patas abiertas y tiesas, un caballo negro. Mirado desde abajo en aquella grotesca postura asemejábase a una monstruosa araña recogida en el centro de su tela. Después de columpiarse un instante en el aire descendió suavemente al nivel de la plataforma. Los obreros se precipitaron

sobre aquella especie de saco, desviándolo de la abertura del pique, y Diamante, libre en un momento de sus ligaduras, se alzó tembloroso sobre sus patas y se quedó inmóvil, resoplando fatigosamente.

Como todos los que se emplean en las minas, era un animal de pequeña alzada. La piel, que antes fue suave, lustrosa y negra como el azabache había perdido su brillo acibillada por cicatrices sin cuento. Grandes grietas y heridas en supuración señalaban el sitio de los arreos de tiro, y los corvejones ostentaban viejos esparavanes que deformaban los finos remos de otro tiempo. Ventrudo, de largo cuello y huesudas ancas, no conservaba ni un resto de la gallardía y esbeltez pasadas, y las crines de la cola habían casi desaparecido arrancadas por el látigo cuya sangrienta huella se veía aún fresca en el hundido lomo.

Los obreros lo miraban con sorpresa dolorosa. ¡Qué cambio se había operado en el brioso bruto que ellos habían conocido! Aquello era sólo un pingajo de carne nauseabunda, buena para pasto de buitres y gallinazos. Y mientras el caballo, cegado por la luz del mediodía, permanecía con la cabeza baja e inmóvil, el más viejo de los mineros, enderezando el anguloso cuerpo, paseó una mirada investigadora a su alrededor. En su rostro marchito, pero de líneas firmes y correctas, había una expresión de gravedad soñadora y sus ojos, donde parecía haberse refugiado la vida, iban y venían del caballo al grupo silencioso de sus camaradas, ruinas vivientes que, como máquinas inútiles, la mina lanzaba de cuando en cuando, desde sus hondas profundidades.

Los viejos miraban con curiosidad a su compañero, aguardando uno de esos discursos extraños e incomprensibles que brotaban a veces de los labios del minero, a quien consideraban como poseedor de una gran cultura intelectual, pues siempre había en los bolsillos de su blusa algún libro desencuadernado y sucio, cuya lectura absorbía sus horas de reposo y del cual tomaba aquellas frases y términos ininteligibles para sus oyentes. Su semblante de ordinario resignado y dulce se transfiguraba al comentar las torturas e ignominias de los pobres y su palabra adquiría entonces la entonación del inspirado y del apóstol.

El anciano permaneció un instante en actitud reflexiva y luego, pasando el brazo por el cuello del inválido jamelgo, con voz grave y vibrante como si arengase a una muchedumbre, exclamó:

—¿Pobre viejo, te echan porque ya no sirves! Lo mismo nos pasa a todos. Allí abajo no se hace distinción entre el hombre y las bestias. Agotadas las fuerzas, la mina nos arroja como la araña arroja fuera de su tela el cuerpo exangüe de la mosca que le sirvió de alimento. ¡Camaradas, este bruto es la imagen de nuestra vida! Como él, callamos, sufriendo resignados nuestro destino! Y, sin embargo,

nuestra fuerza y poder son tan inmensos que nada bajo el sol resistiría su empuje. Si todos los oprimidos con las manos atadas a la espalda marchásemos contra nuestros opresores, cuán presto quebrantaríamos el orgullo de los que hoy beben nuestra sangre y chupan hasta la médula de nuestros huesos. Los aventaríamos, en la primera embestida, como un puñado de paja dispersa el huracán. ¡Son tan pocos, es su hueste tan mezquina ante el ejército innumerable de nuestros hermanos que pueblan los talleres, las campiñas y las entrañas de la tierra!

A medida que hablaba, animábase el rostro caduco del minero, sus ojos lanzaban llamas y su cuerpo temblaba presa de intensa excitación. Con la cabeza echada atrás y la mirada perdida en el vacío, parecía divisar allá en lontananza la gigantesca ola humana, avanzando a través de los campos con la desatentada carrera del mar que hubiera traspasado sus barreras seculares. Como ante el océano que arrastra el grano de arena y derriba las montañas, todo se derrumbaba al choque formidable de aquellas famélicas legiones que tremolando el harapo como bandera de exterminio, reducían a cenizas los palacios y los templos, esas moradas donde el egoísmo y la soberbia han dictado las inicuas leyes que han hecho de la inmensa mayoría de los hombres seres semejantes a las bestias: *Sisifos* condenados a una tarea eterna, los miserables bregan y se agitan sin que una chispa de luz intelectual rasgue las tinieblas de sus cerebros esclavos donde la idea, esa simiente divina, no germinará jamás.

Los obreros clavaban en el anciano sus inquietas pupilas, en las que brillaba la desconfianza temerosa de la bestia que se aventura en una senda desconocida. Para esas almas muertas, cada idea nueva era una blasfemia contra el credo de servidumbre que les habían legado sus abuelos, y en aquel camarada, cuyas palabras entusiasmaban a la gente joven de la mina, sólo veían un espíritu inquieto y temerario, un desequilibrado que osaba rebelarse contra las leyes inmutables del destino.

Y cuando la silueta del capataz se destacó, viniendo hacia ellos, en el extremo de la cancha, cada cual se apresuró a empujar su carretilla mezclándose el crujir de las secas articulaciones, al estirar los cansados miembros con el chirrido de las ruedas que resbalaban sobre los rieles.

El viejo, con los ojos húmedos y brillantes, vio alejarse ese rebaño miserable y luego tomando entre sus manos la descarnada cabeza del caballo, acaricióle las escasas crines, murmurando a media voz:

—Adiós, amigo, nada tienes que envidiarnos. Como tú, caminamos agobiados por una carga que una leve sacudida haría deslizarse de nuestros hombros, pero que nos obstinamos en sostener hasta la muerte.

Y encorvándose sobre su carretilla, se alejó pausadamente, economizando sus fuerzas de luchador vencido por el trabajo y la vejez.

El caballo permaneció en el mismo sitio, inmóvil, sin cambiar de postura. El acompasado y lánguido vaivén de sus orejas y el movimiento de los párpados eran los únicos signos de vida de aquel cuerpo lleno de lacras y protuberancias asquerosas. Deslumbrado y ciego por la vívida claridad que la transparencia del aire hacía más radiante e intensa, agachó la cabeza, buscando entre sus patas delanteras un refugio contra las luminosas saetas que herían sus pupilas de nictálope, incapaces de soportar otra luz que la débil y mortecina de las lámparas de seguridad.

Pero aquel resplandor estaba en todas partes y penetraba victorioso a través de sus caídos párpados, cegándolo cada vez más; atontado, dio algunos pasos hacia adelante, y su cabeza chocó contra la valla de tablas que limitaba la plataforma. Pareció sorprendido ante el obstáculo y enderezando las orejas olfateó el muro, lanzando breves resoplidos de inquietud; retrocedió buscando una salida, y nuevos obstáculos se interpusieron a su paso; iba y venía entre las pilas de madera, las vagonetas y las vigas de la cabria como un ciego que ha perdido su lazarillo. Al andar, levantaba los cascos, doblando los jarretes como si caminase aún entre las traviesas de la vía de un túnel de arrastre; y un enjambre de moscas que zumbaban a su alrededor sin inquietarse de las bruscas contracciones de la piel y el febril volteo del desnudo rabo, acosábalo encarnizadamente, multiplicando sus feroces ataques.

Por su cerebro de bestia debía cruzar la vaga idea de que estaba en un rincón de la mina que aún no conocía y donde un impenetrable velo rojo ocultaba los objetos que le eran familiares.

Su estada allí terminó bien pronto: un caballerizo se presentó con un rollo de cuerdas debajo del brazo y yendo en derechura hacia él, lo ató por el cuello y, tirando del ronzal, tomó seguido del caballo la carretera cuya negra cinta iba a perderse en la abrasada llanura que dilataba por todas partes su árida superficie hasta el límite del horizonte.

Diamante cojeaba atrozmente, y por su vieja y oscura piel corría un estremecimiento doloroso, producido por el contacto de los rayos del sol, que desde la comba azulada de los cielos parecía complacerse en alumbrar aquel andrajo de carne palpitante para que pudieran sin duda distinguirlos los voraces buitres que, como puntos casi imperceptibles perdidos en el vacío, acechaban ya aquella presa que les deparaba su buena estrella.

El conductor se detuvo al borde de una depresión del terreno. Deshizo el nudo que oprimía el flácido cuello del prisionero y dándole una fuerte palmada

en el anca para obligarlo a continuar adelante, dio media vuelta y se marchó por donde había venido.

Aquella hondonada era cubierta por una capa de agua en la época de las lluvias, pero los calores del estío la evaporaban rápidamente. En las partes bajas conservábase algún resto de humedad donde crecían pequeños arbustos espinosos y uno que otro manojito de yerba seca y polvorienta. En sitios ocultos había diminutas charcas de agua cenagosa, pero inaccesible para cualquier animal por ágil y vigoroso que fuese.

Diamante, acosado por el hambre y la sed, anduvo un corto trecho, aspirando el aire ruidosamente. De vez en cuando ponía los belfos en contacto con la arena y resoplaba con fuerza, levantando nubes de polvo blanquecino a través de las capas inferiores del aire que sobre aquel suelo de fuego parecían estar en ebullición.

Su ceguera no disminuía y sus pupilas contraídas bajo sus párpados sólo percibían aquella intensa llama roja que había sustituido en su cerebro a la visión ya lejana de las sombras de la mina.

De súbito rasgó el aire un penetrante zumbido al que siguió inmediatamente un relincho de dolor, y el mísero rocín dando bruscos saltos se puso a correr con la celeridad que sus deformes patas y débiles fuerzas le permitían, a través de los matorrales y depresiones del terreno. Encima de él revoloteaban una decena de grandes tábanos de las arenas.

Aquellos feroces enemigos no le daban tregua y muy pronto tropezó en una ancha grieta y su cuerpo quedó como incrustado en la hendidura. Hizo algunos inútiles esfuerzos para levantarse, y convencido de su impotencia estiró el cuello y se resignó con la pasividad del bruto a que la muerte pusiese fin a los dolores de su carne atormentada.

Los tábanos, hartos de sangre, cesaron en sus ataques y lanzando de sus alas y coseletes destellos de pedrería, hendieron la cálida atmósfera y desaparecieron como flechas de oro en el azul espléndido del cielo cuya nítida transparencia no empañaba el más tenue jirón de bruma.

Algunas sombras, deslizándose a ras del suelo, empezaron a trazar círculos concéntricos en derredor del caído. Allá arriba cerníase en el aire una veintena de grandes aves negras, destacándose del pesado aletear de los gallinazos el porte majestuoso de los buitres que, con las alas abiertas e inmóviles, describían inmensas espirales que iban estrechando lentamente en torno del cuerpo exánime del caballo.

Por todos los puntos del horizonte aparecían manchas oscuras: eran rezagados que acudían a todo batir de alas al festín que les esperaba.

Entretanto el sol marchaba rápidamente a su ocaso. El gris de la llanura tomaba a cada instante tintes más opacos y sombríos. En la mina habían cesado las faenas y los mineros como los esclavos de la ergástula abandonaban sus lóbregos agujeros. Allá abajo se amontonaban en el ascensor formando una masa compacta, un nudo de cabezas, de piernas y de brazos entrelazados que fuera del pique se deshacía trabajosamente, convirtiéndose en una larga columna que caminaba silenciosa por la carretera en dirección de las lejanas habitaciones.

El anciano carretillero, sentado en su vagoneta, contemplaba desde la cancha el desfile de los obreros cuyos torsos encorvados parecían sentir aún el roce aplastador de la roca en las bajísimas galerías. De pronto se levantó y mientras el toque de retiro de la campana de señales resbalaba claro y vibrante en la serena atmósfera de la campiña desierta, el viejo, con pesado y lento andar, fue a engrosar las filas de aquellos galeotes cuyas vidas tienen menos valor para sus explotadores que uno solo de los trozos de ese mineral que, como un negro río, fluye inagotable del corazón del venero.

En la mina todo era paz y silencio, no se sentía otro rumor que el sordo y acompasado de los pasos de los obreros que se alejaban. La obscuridad crecía, y allá arriba en la inmensa cúpula brotaban millares de estrellas cuyos blancos, opalinos y purpúreos resplandores lucían con creciente intensidad en el crepúsculo que envolvía la tierra, sumergida ya en las sombras precursoras de las tinieblas de la noche.

Os inválidos

A extração de um cavalo da mina, acontecimento não muito frequente, havia agrupado ao redor do poço os operários que tombavam os carrinhos no aterro e os encarregados de retornar com eles vazios e colocá-los nas jaulas.

Todos eram velhos, inúteis para os trabalhos do interior da mina, e aquele cavalo que depois de dez anos de arrastar lá embaixo os vagões de mineral, era devolvido à claridade do sol, inspirava-lhes uma profunda simpatia à mesma que se tem por um velho e leal amigo, com o qual dividiram as fadigas de uma penosa jornada.

Para muitos, aquele animal trazia a lembrança dos melhores dias, quando na estreita pedreira, com o braço então vigoroso, afundavam de uma só vez no escondido filão, o dente afiado da picareta do mineiro. Todos conheciam Diamante, o generoso animal, dócil e infatigável que trotava com seu trem de vagões, desde a manhã até a noite, nas sinuosas galerias de arrasto. E quando a fadiga

opressora daquele trabalho sobre-humano, paralisava o impulso de seus braços, a visão do cavalo que passava branco de baba, lhes infundia novos fôlegos para prosseguir essa tarefa de formigas perfuradoras, com o afinco inquebrantável da onda que destroça grão por grão a rocha intransponível, que desafia sua ira.

Todos esperavam silenciosos a aparição do cavalo, inutilizado por incurável lesão, para qualquer trabalho dentro ou fora da mina, e cuja última jornada seria a árida planície onde só se percebiam em raros trechos, matagais cobertos de pó, sem que um folha de erva, nem uma árvore interrompesse o cinza uniforme e monótono da paisagem.

Nada mais sombria que essa desolada planície, ressecada e empoeirada, coberta de pequenos montinhos de areia tão grossa e pesada, que os ventos arrastavam dificilmente através do chão desnudo, ávido de umidade.

Em uma pequena elevação do terreno encontrava-se o sarilho, as chaminés e os enegrecidos galpões da mina. A vila dos mineiros estava situada à direita em uma ribanceira. Sobre ele, uma densa massa de fumaça negra, flutuava pesadamente no ar rarefeito, tornando mais sombrio o aspecto daquele lugar inóspito.

Um calor sufocante subia da terra calcificada, e o pó do carvão, fino e impalpável, aderiu-se aos rostos suados dos operários que, apoiados em seus carrinhos, saboreavam em silêncio o breve descanso que aquela manobra lhes proporcionava.

Depois dos golpes regulamentares, as grandes polias, no alto do sarilho, começaram a girar com lentidão, deslizando-se pelas suas ranhuras os delgados fios de metal que iam enrolando no grande tambor, carretel gigantesco, a potente máquina. Passaram alguns instantes e, de repente uma massa escura, pingando água, surgiu rápida do poço negro e se deteve a alguns metros acima do parapeito. Suspenso por uma rede de cordas grossas, colocada debaixo do elevador, balançava-se sobre o abismo, com as patas abertas e firmes, um cavalo preto. Visto lá embaixo, naquela grotesca postura, assemelhava-se a uma monstruosa aranha encolhida no centro de sua teia. Depois de balançar-se um instante no ar desceu suavemente ao nível da plataforma. Os operários foram em direção daquela espécie de saco, desviando-o da abertura do poço, e Diamante, livre de suas ataduras, se levantou trêmulo sobre suas patas e ficou imóvel, bufando fatigantemente.

Como todos os que se empregam nas minas, era um animal de pequena estatura. A pele que antes era suave, lustrosa e preta como o azeviche, havia perdido seu brilho, crivada de inúmeras cicatrizes. Grandes arranhões e feridas

em pus marcavam o lugar dos arreios de carga, e os tendões ostentavam velhos tumores que deformavam os elegantes membros de outro tempo. Barrigudo, de pescoço comprido e ancas ossudas, não conservava nem um resto da galhardia e beleza passadas, e as crinas da cauda haviam quase desaparecido, arrancadas pelo chicote cujo sangrento vestígio se via ainda fresco no lombo afundado.

Os operários o olhavam com uma dolorosa surpresa. Que mudança havia acontecido no vigoroso animal que eles haviam conhecido! Aquele era apenas um trapo de carne nauseabunda, boa para pastagem de abutres e galináceos. E enquanto o cavalo, cegado pela luz do meio-dia, permanecia com a cabeça baixa e imóvel, o mais velho dos mineiros, endireitando o anguloso corpo, deu uma olhada investigadora ao seu redor. Em seu rosto murcho, mas de linhas firmes e corretas, havia uma expressão de gravidade sonhadora, e seus olhos, onde parecia haver-se refugiado a vida, iam e vinham do cavalo ao grupo silencioso de seus camaradas, ruínas viventes que, como máquinas inúteis, a mina lançava de vez em quando, desde suas grandes profundidades.

Os velhos olhavam com curiosidade para o companheiro, aguardando um desses discursos estranhos e incompreensíveis que às vezes brotavam dos lábios do mineiro, a quem consideravam como possuidor de uma grande cultura intelectual, pois sempre havia nos bolsos de sua blusa algum livro desencadernado e sujo, cuja leitura absorvia suas horas de repouso e do qual tirava aquelas frases e termos ininteligíveis para seus ouvintes.

Seu semblante, de ordinário resignado e doce, se transfigurava ao comentar as torturas e ignomínias dos pobres e sua palavra adquiria então a entonação do inspirado e do apóstolo.

O ancião permaneceu um instante em atitude reflexiva e logo, passando o braço pelo pescoço do inválido pangaré, com voz grave e vibrante, como se discursasse para uma multidão, exclamou:

—Pobre velho, lhe jogam fora porque já não serve mais! O mesmo acontece conosco. Ali embaixo não se faz diferença entre o homem e as bestas. Esgotadas as forças, a mina nos joga como a aranha arremessa fora de sua teia o corpo exangue da mosca que lhe serviu de alimento. Camaradas, este animal é a imagem da nossa vida! Como ele, calamos, sofrendo resignados nossos destinos! E, sem dúvida, nossa força e poder são tão imensos que nada sob o sol resistiria ao seu empuxe. Se todos os oprimidos, com as mãos atadas nas costas, marchássemos contra nossos opressores, quão logo quebrantaríamos o orgulho dos que bebem nosso sangue e sugam até a medula de nossos ossos. Os derrubaríamos na primeira investida, como um punhado de palha dispersa o furacão. São tão poucos,

seus seguidores tão mesquinhos diante do exército inumerável de nossos irmãos que ocupam as oficinas, as campinas e as entranhas da terra!

A medida que falava, animava-se o rosto caduco do mineiro, seus olhos lançavam chamas e seu corpo tremia sobre intensa excitação. Com a cabeça levantada e o olhar perdido no vazio, parecia avistar lá longe a gigantesca onda humana, avançando através dos campos como o desatento percurso do mar que tivesse transpassado suas barreiras seculares. Como frente ao oceano que arrasta o grão de areia e derruba as montanhas, tudo ruía ao choque monstruoso daquelas famélicas legiões, que tremulando o farrapo como bandeira de extermínio, reduziam a cinzas os palácios e os templos, essas moradas onde o egoísmo e a soberba ditaram as iníquas leis que fizeram da imensa maioria dos homens seres semelhantes às bestas: Sísifos condenados a uma tarefa eterna, os miseráveis lutam e se agitam sem que uma faísca de luz intelectual rasgue as trevas de seus cérebros escravos onde a ideia, essa semente divina, não germinará jamais.

Os operários cravavam no ancião suas inquietantes pupilas, nas quais brilhava a desconfiança temerosa da besta que se aventura por um caminho desconhecido. Para essas almas mortas, cada ideia nova era uma blasfêmia contra o credo de servidão que lhes haviam legado seus avós, e naquele camarada, cujas palavras entusiasmavam os jovens da mina, apenas viam um espírito inquieto e temerário, um desequilibrado que ousava rebelar-se contra as leis imutáveis do destino.

E quando a silhueta do capataz se destacou, vindo em direção a eles do outro lado do aterro, cada um se apressou em empurrar seu carrinho, mesclando-se o ranger das secas articulações ao espreguiçar dos membros cansados com o chiar das rodas que resvalavam sobre os trilhos.

O velho, com os olhos úmidos e brilhantes, viu distanciar-se esse rebanho miserável e depois, pegando em suas mãos a descarnada cabeça do cavalo, acariciou-lhe as escassas crinas, murmurando a meia voz:

—Adeus, amigo, nada tens que invejar-nos. Como tu, caminhamos agoniados por uma carga que uma leve sacudida faria deslizar-se de nossos ombros, mas que nos obstinamos em sustentar até a morte.

E inclinando-se sobre seu carrinho, distanciou-se vagarosamente, economizando suas forças de lutador vencido pelo trabalho e a velhice.

O cavalo permaneceu no mesmo lugar, imóvel, sem mudar de posição. O compassado e lânguido vaivém de suas orelhas, e o movimento das pálpebras eram os únicos sinais de vida daquele corpo cheio de cicatrizes e protuberâncias asquerosas. Deslumbrado e cego pela vívida claridade que a transparência do ar,

tornava mais radiante e intensa, abaixou a cabeça, procurando entre suas patas dianteiras um refúgio contra as luminosas setas que feriam suas pupilas de nictálope, incapazes de suportar outra luz que a frágil e lânguida das lâmpadas de segurança.

Mas aquele resplendor estava em todas as partes, e penetrava vitorioso através de suas pálpebras caídas, cegando-o cada vez mais; entontecido, deu alguns passos para frente e sua cabeça se chocou contra o muro de tábuas que cercava a plataforma. Pareceu surpreso diante do obstáculo, e levantando as orelhas, cheirou o muro, lançando breves baforadas de inquietação; retrocedeu procurando uma saída e novos obstáculos se interpuseram em seu caminho; ia e vinha entre as pilhas de madeira, os carrinhos e as vigas do sarilho como um cego que perdeu seu guia. Ao andar, levantava os cascos dobrando as pernas como se caminhasse ainda entre as travessas da via de um túnel de escoamento; e um enxame de moscas que zuniam ao seu redor sem inquietar-se com as bruscas contrações da pele e o febril vaivém do despelado rabo, perseguia-o encarniçadamente multiplicando seus ferozes ataques.

Pelo seu cérebro de besta, devia passar a vaga ideia de que estava em um canto da mina que ainda não conhecia, e onde um impenetrável véu vermelho ocultava os objetos que lhe eram familiares.

Sua estadia ali terminou logo; um cavalição apresentou-se com um rolo de cordas debaixo do braço e, indo em sua direção, o amarrou pelo pescoço e, pegando pelo cabresto, voltou com o cavalo para a estrada, cuja negra figura ia se perder na queimada planície que estendia por todas as partes sua árida superfície até o limite do horizonte.

Diamante coxeava dolorosamente, e por sua pele escura e velha corria um estremecimento doloroso produzido pelo contato dos raios de sol, o qual desde a curva azulada dos céus parecia se comprazer em iluminar aquele farrapo de carne palpitante, para que pudessem sem dúvida, distingui-lo os vorazes abutres que, como pontos quase imperceptíveis perdidos no vazio, já espreitavam aquela presa que lhes oferecia sua boa estrela.

O condutor se deteve a beira de uma depressão de terreno. Desfez o nó que apertava o flácido pescoço do prisioneiro e, dando-lhe uma forte palmada na anca para obrigá-lo a continuar adiante, deu meia volta e voltou pelo mesmo caminho.

Aquela ribanceira era coberta por uma camada de água na época das chuvas, mas o calor da estiagem a evaporava rapidamente. Nas partes baixas conserva-se algum resto de umidade onde cresciam pequenos arbustos espinhosos e um ou outro punhado de erva ressecada e empoeirada. Em lugares escondidos havia

diminutas poças de água lodosa, mas inacessíveis para qualquer animal por mais ágil e vigoroso que fosse.

Diamante, atormentado pela fome e pela sede, andou um curto trecho, aspirando o ar ruidosamente. De vez em quando colocava os beiços em contato com a areia e baforava com força, levantando nuvens de poeira esbranquiçada através das camadas inferiores do ar, que sobre aquele chão de fogo pareciam estar em ebulição.

Sua cegueira não diminuía, e suas pupilas contraídas sob suas pálpebras, apenas sentiam aquela intensa chama vermelha que havia substituído em seu cérebro à visão já distante das sombras da mina.

Subitamente rasgou o ar um penetrante zunido, ao que se seguiu imediatamente um relincho de dor, e o mísero rocim, dando saltos bruscos, se pôs a correr com a rapidez que suas patas deformadas e poucas forças lhe permitiam através dos matos e depressões do terreno. Em cima dele revoava uma dúzia de tavões das areias.

Aqueles inimigos ferozes não lhe davam trégua e logo tropeçou em uma pedra grande e seu corpo ficou como incrustado na fenda. Fez alguns inúteis esforços para levantar-se e, convencido de sua impotência, estirou o pescoço e se resignou com a passividade do animal para que a morte pusesse fim as dores de sua carne atormentada.

Os tavões, fartos de sangue, pararam seus ataques e, lançando de suas asas e couraças lustrosas como pedraria, atravessaram a cálida atmosfera, e desapareceram como flechas de ouro no azul esplendido do céu, cuja nítida transparência não embaçava a mais tênue faixa de bruma.

Algumas sombras, deslizando próximas ao chão, começaram a traçar círculos concêntricos ao redor do caído. Lá em cima viam-se no ar umas vinte aves grandes e pretas, destacando-se do pesado esvoaçar dos galináceos e do porte majestoso dos abutres, que com as asas abertas e imóveis, desenhavam imensas espirais que iam estreitando lentamente ao redor do corpo examine do cavalo.

Em todos os pontos do horizonte apareciam manchas escuras: eram atrasados que chegavam a todo bater de asas ao banquete que lhes esperava.

Entretanto, o sol se punha rapidamente. O cinza da planície adquiria a cada instante tons mais opacos e sombrios. Na mina haviam acabado os trabalhos e os mineiros, como os escravos do cárcere, abandonavam seus escuros buracos. Lá embaixo, se amontoavam no elevador formando uma massa compacta, um emaranhado de cabeças, de pernas e de braços entrelaçados que fora

do túnel se desfazia trabalhosamente, convertendo-se numa longa coluna que caminhava silenciosa pela estrada em direção aos lares distantes.

O ancião mineiro, sentado em seu carrinho, contemplava do campo o desfile dos operários cujos dorsos encurvados pareciam sentir ainda o roçar esmagador da rocha nas baixíssimas galerias. De repente se levantou e, enquanto o toque de retirada da campainha de aviso ressoava claro e vibrante na serena atmosfera da campina deserta, o velho, com pesado e lento andar, foi engrossar as filas daqueles condenados cujas vidas têm menos valor para seus exploradores que um só dos pedaços desse mineral ,que como um negro rio, flui inesgotável do coração da fonte.

Na mina tudo era paz e silêncio, não se ouvia outro rumor a não ser o surdo e compassado passo dos operários que se distanciavam. A escuridão crescia, e lá em cima, na imensa cúpula, brilhavam milhares de estrelas cujos brancos, opalinos e púrpuros resplendores brilhavam com crescente intensidade no crepúsculo que envolvia a terra, submergida já nas sombras precursoras das trevas da noite.

Referências

LILLO, Baldomero. “Los Inválidos”. In: *Sub Terra*, 20. ed. Santiago do Chile: Editorial Zig Zag, 1994.